



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 26 de Setembro de 1979

**Relação entre a inocência original
e a redenção operada por Cristo**

1. Cristo, respondendo à pergunta sobre a unidade e indissolubilidade do matrimónio, apelou para aquilo que sobre o tema do matrimónio foi escrito no Livro do Génesis. Nas nossas duas precedentes reflexões sujeitamos a uma análise tanto o chamado texto eloísta (*Gén. 1*) como o javista (*Gén. 2*). Desejamos hoje tirar dessas duas análises algumas conclusões.

Quando Cristo se refere ao «princípio», pede aos seus interlocutores que transponham, em certo sentido, o confim que, no Livro do Génesis, separa o estado de inocência original e o de pecaminosidade, iniciado pela queda original.

Simbolicamente pode-se ligar este confim com a árvore do conhecimento do bem e do mal, que no texto javista delimita duas situações diametralmente opostas: a situação de inocência original e a do pecado original. Estas situações têm dimensão própria no homem, no seu íntimo, no seu conhecimento, na sua consciência, escolha e decisão, tudo isto em relação com Deus Criador que no texto javista (*Gén.2 e 3*) é, ao mesmo tempo, o Deus da Aliança, da mais antiga aliança do Criador com a sua criatura, isto é, com o homem. A árvore do conhecimento do bem e do mal, como expressão e símbolo da aliança com Deus quebrada no coração do homem, delimita e contrapõe duas situações e dois estados diametralmente opostos: o da inocência original e o do pecado original, e ao mesmo tempo da pecaminosidade hereditária do homem que do último deriva. *Todavia as palavras de Cristo, que se referem ao «princípio», permitem-nos encontrar no homem certa continuidade essencial e um laço entre estes dois estados diversos ou duas dimensões do ser humano. O estado de pecado faz parte do «homem histórico», tanto daquele a*

que se refere Mateus 19, isto é, do interlocutor de Cristo nessa altura, como também de qualquer outro interlocutor, potencial ou actual, de todos os tempos da história, e portanto, naturalmente, também do homem de hoje. Tal estado porém — o estado «histórico» precisamente — em qualquer homem sem nenhuma excepção, mergulha as raízes na sua própria «pré-história» teológica, que é o estado da inocência original. que é o original.

2. Não se trata aqui somente de dialéctica. As leis do conhecimento correspondem às do ser. E impossível compreender o estado de pecaminosidade «histórica» sem referência ou alusão (e Cristo de facto alude) ao estado de original (em certo sentido, «pré-histórica») e fundamental inocência. Surgir portanto a pecaminosidade como estado, como dimensão da existência humana, está desde os princípios em relação com esta real inocência do homem como estado original e fundamental, como dimensão do ser criado «à imagem de Deus». E assim acontece não só com o primeiro homem, macho e fêmea, como *drámatís personae* e protagonistas dos acontecimentos descritos no texto javista dos capítulos 2 e 3 do Génesis, mas também assim acontece com o inteiro percurso histórico da existência humana. *O homem histórico está portanto, por assim dizer, radicado na sua pré-história teológica revelada*; e por isso cada ponto da sua pecaminosidade histórica explica-se (tanto para a alma como para o corpo) com a referência à inocência original. Pode dizer-se que esta referência é «co-herança» do pecado, e precisamente do pecado original. Se este pecado significa, em todos os homens históricos, um estado de graça perdida, então ele comporta também uma referência àquela graça, que era precisamente a graça da inocência original.

3. Quando Cristo, segundo o capítulo 19 de Mateus, apela para o «princípio», com esta expressão não indica só o estado de inocência original como horizonte perdido da existência humana na história. As palavras, que Ele pronuncia mesmo com a sua boca, temos o direito de atribuir ao mesmo tempo toda a eloquência do mistério da redenção. De facto, já no mesmo texto javista de Génesis 2 e 3, somos testemunhas de o homem, macho e fêmea, depois de ter quebrado a aliança original que tinha com o seu Criador, receber a primeira promessa de redenção nas palavras do chamado Proto-evangelho em Génesis 3, 15 *, e começar a viver *na perspectiva teológica da redenção*. Assim portanto o homem «histórico» — quer o interlocutor de Cristo naquele tempo de que fala Mt. 19, quer o homem de hoje — participa desta perspectiva. Participa não só da *história da pecaminosidade humana*, como sujeito hereditário e ao mesmo tempo pessoal e não repetível desta história, mas participa igualmente *da história da salvação*, também agora como seu sujeito e concriador. Ele está portanto não só fechado, pela sua pecaminosidade, à inocência original, mas ao mesmo tempo aberto para o mistério da redenção, que se realizou em Cristo e por meio de Cristo. Paulo, autor da carta aos Romanos, exprime esta perspectiva da redenção em que vive o homem «histórico», quando escreve: ... *também nós próprios, que possuímos as primícias do espírito, gememos igualmente em nós mesmos, aguardando ... a libertação do nosso corpo* (Rom. 8, 23). Não podemos perder de vista esta perspectiva quando seguimos as palavras de Cristo que, na sua conversa sobre a indissolubilidade do matrimónio, recorre ao «princípio». Se aquele «princípio» indicasse só a

criação do homem como «macho e fêmea», se— como já insinuamos — conduzisse os interlocutores só atravessando o confim do estado de pecado do homem até à inocência original, e não abrisse ao mesmo tempo a perspectiva duma «redenção do corpo» a resposta de Cristo não seria de facto entendida de modo exacto. Precisamente esta *perspectiva da redenção do corpo assegura a continuidade e a unidade* entre o estado hereditário do pecado do homem e a sua inocência original, se bem que esta inocência tenha sido historicamente perdida por ele, de modo irremediável. É também evidente ter Cristo o máximo direito de responder à pergunta que Lhe foi feita pelos doutores da Lei e da Aliança (como lemos em *Mt. 19* e em *Mc. 10*), na perspectiva da redenção sobre que se baseia a Aliança mesma.

4. Se no contexto substancialmente assim descrito pela teologia do homem-corpo, pensamos no *método* das análises seguintes a respeito da revelação do «princípio», em que é essencial a referência aos primeiros capítulos do *Livro do Génesis*, devemos logo dirigir a nossa atenção para um factor que é especialmente importante para a interpretação teológica: importante, pois consiste na relação entre revelação e experiência. Ao interpretarmos a revelação a respeito do homem, e sobretudo a respeito do corpo, temos por motivos compreensíveis de referir-nos à experiência, porque o homem-corpo é percebido por nós sobretudo na experiência. A luz das mencionadas considerações fundamentais, temos pleno direito de alimentar a convicção de esta nossa experiência «histórica» dever, em certo modo, fazer alto no limiar da inocência original do homem, porque relativamente a ele mantém-se inadequada. Todavia, à luz das mesmas considerações introdutórias, devemos chegar à convicção de *a nossa experiência humana ser, neste caso, um meio dalgum modo legítimo para a interpretação teológica*, e ser, em certo sentido, indispensável ponto de referência, para que devemos apelar na interpretação do «princípio». A análise mais particularizada do texto permitir-nos-á chegar a uma visão mais clara.

5. Parece que as palavras da carta aos Romanos 8, 23, que citámos, indicam do melhor modo a orientação das nossas investigações centradas na revelação daquele «princípio», a que se referiu Cristo na sua conversa sobre a indissolubilidade do matrimónio (*Mt. 19* e *Mc. 10*). Todas as análises seguintes, que a este propósito serão feitas com base nos primeiros capítulos do Génesis, reflectirão quase necessariamente a verdade das palavras paulinas: *Nós próprios, que possuímos as primícias do espírito, gememos igualmente em nós mesmos, aguardando a libertação do nosso corpo*. Se nos colocamos nesta posição — tão profundamente concorde com a experiência** — o «princípio» deve falar-nos com a grande riqueza de luz que provém da revelação, à qual deseja responder sobretudo a teologia. O prosseguimento das análises explicar-nos-á porquê e em que sentido deve esta teologia ser teologia do corpo.

* Já a tradução grega do Antigo Testamento, a dos Setenta, que remonta a cerca do século II a.C., interpreta *Gén. 3, 15* no sentido messiânico, aplicando o pronome masculino *autós* referido ao substantivo neutro grego *sperma* (*semen* na Vulgata). A tradição judaica continua esta interpretação.

Jesus Cristo. Embora nos últimos séculos os especialistas em Sagrada Escritura tenham interpretado diversamente esta perícopa e alguns tenham contestado a interpretação messiânica, nos últimos tempos está-se a voltar a esta sob um aspecto um pouco diverso. O autor javista une, de facto, a pré-história com a história de Israel, que atinge o seu vértice na dinastia messiânica de David, a qual levará ao cumprimento das promessas de *Gén. 3, 15* (cfr. *2 Sam. 7, 12*).

O Novo Testamento explicou o cumprimento da promessa na mesma perspectiva messiânica; Jesus é o Messias, descendente de David (*Rom. 1, 3*; *2 Tim. 2, 8*), nascido de mulher (*Gál. 4, 4*), novo Adão-David (*1 Cor. 15*), que deve reinar «até que ponha todos os inimigos debaixo dos pés» (*1 Cor. 15, 25*). E por fim *Apoc. 12, 1-10* apresenta o cumprimento final da profecia de *Gén. 3, 15*, que embora não sendo anúncio claro e imediato de Jesus como Messias de Israel, leva todavia a Ele por meio da tradição real e messiânica que une o Antigo e o Novo Testamento.

** Falando aqui da relação entre a «experiência» e a «revelação», mais, numa surpreendente convergência entre elas, queremos só fazer notar que o homem, no seu actual estado de existir no corpo, experimenta múltiplos limites — sofrimentos, paixões, fraquezas e por fim até a morte —, os quais, ao mesmo tempo, referem este seu existir no corpo a outro estado diverso ou outra dimensão. Quando São Paulo escreve sobre a «redenção do corpo», fala com a linguagem da revelação; a experiência, na verdade, não é capaz de atingir este conteúdo, ou antes, esta realidade. Ao mesmo tempo, no total deste conteúdo, o autor de *Rom. 8, 23* retoma tudo quanto, não só a ele mas também em certo modo a cada homem (independentemente da sua relação com a revelação), é oferecido através da experiência da existência humana, que é existência no corpo.

Temos portanto o direito de falar da relação entre a experiência e a revelação, mais, temos o direito de apresentar o problema da relação recíproca entre as duas, ainda que para muitos passe entre ambas uma linha de demarcação que é linha de antítese total e de antinomia radical. Esta linha, segundo julgamos, deve sem mais ser traçada entre a fé e a ciência, entre a teologia e a filosofia. Ao formular este ponto de vista, são sobretudo tomados em consideração conceitos abstractos e não o homem como sujeito vivo.

Saudações

A vários grupos de Sacerdotes, Religiosos e Religiosas

E particularmente numerosa hoje a presença de Religiosos e Religiosas: estão os participantes no Capítulo geral dos Missionários de Mariannahill, os membros do Conselho geral extraordinário da Companhia de Maria (Monfortinos); os Superiores-Maiores da Sociedade do Apostolado Católico (Palotinos); os membros do Congresso internacional dos Fate-Bene-Fratelli — Hospitaleiros de São João de Deus; e ainda um grupo de missionários e missionárias de 24 Institutos diversos, reunidos para um Curso de renovação espiritual e cultural, e um de sacerdotes, religiosos e leigos, que participam num Curso de preparação para a missão em África.

Caríssimas filhas e filhos! Seria meu vivo desejo poder saudar-vos pessoalmente um a um, para exprimir a cada qual o meu apreço, testemunhar a minha confiança, dirigir uma palavra particular de encorajamento. Oxalá aquilo que a falta de tempo não permite, possa actuar-se perante Deus no encontro espiritual da oração, se torne fonte de conforto e estímulo quotidiano de uma doação cada vez mais plena a Cristo, à Igreja e às almas. Seja disso penhor a Bênção paternal que de

coração vos concedo, e também aos vossos institutos e às pessoas confiadas à vossa solicitude pastoral.

A peregrinos da Diocese de Telese ou Cerreto Sannita

Saúdo com afecto paternal os numerosos peregrinos da Diocese de Telese ou Cerreto Sannita e também os numerosos do Centro Voluntário do Sofrimento da Região umbra.

Caríssimos filhos, estou-vos muito grato por esta visita e, sobretudo, pela caridade que anima a fé cristã, quer a vossa, Telesinos, que vos distinguis pelo apego às tradições religiosas da vossa terra, quer a vossa, Voluntários do Sofrimento, que sois os generosos e engenhosos realizadores do Mandamento novo (cfr. *Jo* 13, 34), o qual vos faz reconhecer o próprio Cristo na assistência alegre ao irmão doente. O Senhor vos abençoe e vos acompanhe sempre.

Aos sacerdotes e leigos pertencentes às comunidades neocatecumenais

Participa na Audiência de hoje um numeroso grupo de associados no Movimento, que se propõe ajudar os cristãos a redescobrirem a realidade do baptismo e a viverem, na alegria, a sua riqueza libertadora. Oxalá o vosso testemunho, em plena sintonia com os legítimos pastores, suscite em muitos irmãos o desejo e o compromisso de uma vida mais coerente com as exigências do baptismo e da sua inexaurível riqueza.

A minha Bênção Apostólica vos acompanhe.

A um grupo de monges e leigos budistas provenientes do Japão

Calorosas boas-vindas à Delegação japonesa de pessoas consagradas à religião, na maior parte representantes das veneráveis escolas tradicionais do Budismo: as escolas Zen, Pure Land, Shingon e Nichiten; e especialmente ao eminente Chefe do Rinzai Zen japonês.

Agradeço-vos terdes vindo à Europa para um intercâmbio Este-Oeste a nível espiritual. Faço votos por que o diálogo inter-religioso decorra a este nível básico.

Felicito aqueles dentre vós que viveram em pequenos grupos nos grandes mosteiros cristãos e tomaram parte na sua vida de oração e trabalho, durante três semanas. A experiência que fizestes é na verdade um acontecimento que marca época na história do diálogo inter-religioso. Espero que a vossa experiência vos tenha dado melhor compreensão daquilo que pode significar Cristo para o homem e uma visão mais profunda daquilo que significa Cristo quando fala de Deus, seu Pai.

Abençoo todos aqueles que se encontram no Japão e na Europa e, com os seus esforços,

tornaram possível a realização deste projecto.

Rezo para que o Espírito inspire cada vez mais o diálogo inter-religioso no Japão, especialmente o diálogo a nível espiritual.

Aos peregrinos de língua inglesa

Desejo especiais boas-vindas aos sacerdotes das dioceses de Glasgow e Motherveil na Escócia que estão a concluir um curso de renovação em teologia, iniciado há um mês:

Guardai, generosa e ardentemente; o rebanho de Deus, é esta a vossa missão, sendo exemplos para o rebanho. E quando o Pastor supremo se manifestar, vós obtereis a inalterável coroa de glória.

Saúdo também os novos estudantes do Colégio Norte-Americano e do Venerável Colégio Inglês aqui em Roma, os estudantes do Colégio Mount Carmel em Bangalore, Índia, os membros do "Women's International Club" em Jacarta, Indonésia, a peregrinação dos Eparcas icranianos de Toronto, Canadá, e os de Saint Joseph's Paris em Limerick, Irlanda onde espero celebrar a Missa na próxima segunda-feira. Invoco para cada um de vós e para os outros visitantes aqui presentes as mais abundantes graças do Senhor.

Ao grupo de peregrinos do "Kirchenzeitung für das Erzbistum Köln"

Saúdo cordialmente o grande grupo de peregrinos do "Kirchenzeitung für das Erzbistum Köln". Com esta viagem anual à Cidade Eterna, continuais uma tradição que já conta 20 anos. Exprime visivelmente a vossa união de fé com o Sucessor de São Pedro, o qual, por seu lado, vos fortifica e anima na vossa fé. Permanecei fiéis a Cristo e à sua Igreja Santa. Recomendando a minha próxima viagem apostólica, também e de modo especial, às vossas orações, concedo de coração a vós e às vossas famílias que ficaram na pátria, a Bênção Apostólica.

Aos jovens

Caríssimos jovens!

Queridos rapazes e meninas!

Saúdo-vos com grande simpatia e afecto, e para cada um de vós formulo os meus mais sentidos bons votos!

Iniciou-se o novo ano escolar e eu desejo-vos todo o bem e toda a mais bela consolação. Ao voltardes às vossas aulas e tornardes a ver os vossos Professores e os vossos condiscípulos, transmiti-lhes a saudação do Papa e dissei-lhes que Ele recorda todos com amor e reza por todos.

Começam de novo as vossas obrigações de escola: pois bem, estai contentes por ocupardes, também vós, com diligência, o vosso tempo. Levai convosco para a escola a bondade, a seriedade do estudo, o sentido da disciplina e do dever. Deste modo, o tempo da escola tornar-se-á também agradável, e produzirá frutos de alegria e de satisfação.

A minha Bênção vos ajude.

Aos Doentes

Caríssimos Doentes!

Chegue até vós, particularmente cordial e afectuosa, a saudação do Papa que vos recorda sempre, vos tem presente na oração e vos agradece tudo o que fazeis e ofereceis ao Senhor por Ele e pela sua Missão!

Claro que deveis sempre esperar a vossa cura, e fazer uso de todos os recursos da medicina e da farmacologia para restituírem saúde ao corpo e alívio ao espírito. Mas, quando a doença infelizmente continua a atormentar o corpo, olhemos para o Crucifixo! Visto efectivamente Deus ter querido salvar a humanidade mediante o sofrimento, empenhai-vos também vós em sofrer pela salvação do mundo!

Maria Santíssima, a Mãe das Dores, a Rainha dos Mártires, vos assista sempre e vos dê a coragem necessária! E a minha Bênção vos acompanhe e conforte.

Aos jovens Casais

Caríssimos jovens Casais!

Também a vós, que iniciastes nova vida, cheguem a minha saudação e os mais sentidos bons votos!

Vós fostes os "ministros" do vosso Matrimónio; e por conseguinte a "graça sacramental" de Cristo, que torna sagrada e perene a vossa união, recebeste-la através da vossa própria vontade de amor e de consagração recíproca.

A dignidade do matrimónio é imensa! Por isso, permanecei no amor de Cristo!

Recordai-vos do que disse Jesus: "Eu sou a videira, vós as varas! Quem está em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto... Nisto é glorificado o meu Pai: Dando vós muito fruto!" (cfr. Jo c.15). Levai frutos de bondade, de caridade, de santificação: seja este o vosso compromisso de vida conjugal. A minha Bênção propiciadora vos ajude.

Copyright © Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana